

«Só não fazemos mais porque isso está dependente da política cultural deste país»

«Touro» é o título do novo espectáculo que, desde ontem está em cena na sala da «Comuna», na Praça de Espanha, em Lisboa, com texto de Abel Neves e versão cénica e encenação de João Mota.

Este trabalho da Comuna (a 32.ª produção do grupo em 14 anos de existência) tem música e arranjos de Carlos Mendes, figurinos de Carlos Paulo e é interpretado por Isabel Medina, Cecília Sousa, Maria Marília, Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Carmen Marques, José Pedro Gomes, Marques Arede, Jorge Loureiro, Carlos Paulo, Abel Neves, João Mota, António Melo, Alfredo Brissos e Paulo Ferreira.

«Este espectáculo talvez seja a grande metáfora do drama da criação» — afirmou a «o diário» o jovem dramaturgo Abel Neves que, à partida, confessou ter dificuldade em talar sobre as suas próprias criações.

No entanto, acrescentou: «Se me perguntarem qual a história que se conta nesta peça, tenho dificuldade em dar uma resposta. Poderei dizer que se conta a história de um toureiro e que se fala da tourada que, afinal, é uma forma de espectáculo que se relaciona bastante com um universo mitológico muito português».

O actor Almeno Gonçalves, há três anos a trabalhar na «Comuna», e que nesta peça desempenhará um dos principais papéis, foi um pouco mais longe ao descrever o



■ Abel Neves e Almeno Gonçalves

surge um toureiro que vive o momento imediatamente anterior à sua entrada na arena. Digamos que vive o drama da contagem decrescente do tempo, que o aproxima do animal que irá defrontar. O outro lado do espectáculo trata da relação do toureiro com a sua noiva».

«Receitas»

A anterior peça da «Comuna» — «Amadis» — também da autoria de Abel Neves, ultrapassou as 100 representações, num curto espaço de tempo.

O mesmo poderá acontecer com «Touro». Todavia, Abel Neves afirma: «O chamado sucesso é sempre muito relativo. Num grupo como este há outras grandes alegrias como, por exemplo, ter vontade de trabalhar, apesar das dificuldades. Esta peça representa fundamentalmente a

continuação do nosso projecto de pesquisa e, embora não pretendamos dar «receitas» a ninguém, preocupamo-nos no sentido de que cada espectáculo seja sempre criado de um modo diferente. É isso que nos faz avançar e ter gosto pela vida. Não pensamos em crise, pensamos, antes, em ir para a frente. Não pretendemos triunfar sempre, nem alcançar o chamado sucesso. Preferimos antes, ter consciência de que o nosso trabalho avançou».

A crise, no entanto, faz-se sentir na generalidade dos grupos de teatro independente, ainda que não seja ultrapassada do mesmo modo que acontece com a «Comuna».

Abel Neves diz: «Penso que a crise começa a ser uma espécie de fantasia. Para que as pessoas tenham vontade de ir ao teatro, é necessário que, previamente, lhes tenha sido despertado o gosto pelo tea-

tro. Neste aspecto, uma grande parte da responsabilidade cabe, exactamente, a quem faz teatro. Aqui, na «Comuna», conseguimos já criar um público novo constituído, sobretudo, por malta nova. Isto, para nós, é gratificante e fascina-nos imenso».

Apesar do valor do trabalho desenvolvido pelos grupos de teatro independente nos últimos dez ou quinze anos, as entidades oficiais continuam a adoptar uma «política», irregular, nomeadamente no que se refere à atribuição de subsídios.

Não seria tempo de adoptar uma verdadeira e eficaz política de apoio ao teatro independente?

Abel Neves afirma: «Penso que a resposta deverá ser dada pelas entidades competentes. Em Espanha e França, para não irmos mais longe, aposta-se na cultura; sabe-se que, para lá do pres-

tígio cultural, o teatro é um bom investimento. Por cá, os governos passam, mudam agora, mudam depois, vão concedendo umas migalhas e fica tudo na mesma. No que se refere à «Comuna», posso dizer que continuaremos, quer queiram quer não!».

E nos tempos que correm, trabalhar num grupo independente, é antes de mais, um acto de coragem.

Preços reduzidos

Abel Neves trabalha há sete anos na «Comuna», como actor e dramaturgo. Sobre esta experiência, Abel diz: «Trabalhar e viver num grupo como este, obriga-me a outras coisas, para lá da escrita de textos. A forma como entendo os textos liga-se intimamente ao grupo, que faz parte da minha vida. Enquanto escritor, se não fizesse parte do grupo, não me seria possível compreender as grandes virtudes e os vícios deste trabalho. O meu gosto pelo teatro e por este grupo transcende a própria escrita. Aqui, tanto posso ficar porta e receber o público, como varrer o chão, limpar a sala, etc. Isto não corresponde à tese miserabilista do «pobrezinho mas feliz», do tempo do Salazar. Felizmente temos um grande gosto por aquilo que fazemos. E só não fazemos mais porque isso está dependente da política cultural deste país».

«Touro» aí está, então, na Praça de Espanha, de terça-feira a sábado, pelas 21 e 30 horas e aos domingos, a partir das 17 horas. E atenção: às terças, quartas e quintas-feiras preços reduzidos a 150\$00.